

UTILIZANDO OS RECURSOS DIGITAIS NA PROMOÇÃO DE AULAS INTERATIVAS

Sara Alves Ribeiro¹

Resumo: O presente artigo vem abordando sobre a didática do Ensino Superior após a ascensão da internet. Neste trabalho fica evidente que, com o advento das novas tecnologias, o processo de ensino mudou e agora os professores competem com as redes sociais durante a exposição do conteúdo. Para chegar a essa conclusão e propor uma solução ao problema, foi necessário entender como a sociedade absorve a tecnologia, compreender o perfil do aluno do Ensino Superior e as mudanças que ocorreram na sociedade com a chegada da internet. Após pesquisa dedutiva, utilizando fragmentos de um mesmo assunto, chegou-se à conclusão de que o professor não deve ver a tecnologia como algo que interfere no aprendizado do aluno, mas sim como uma ferramenta de apoio para o planejamento de aulas interativas.

Palavras-chaves: Ensino Superior. Interatividade. Docência. Internet.

Abstract: The present article is about the didactics of Higher Education after the rise of the internet. In this work it is evident taht, with the advent of new technologies, the teaching process has changed and now, teachers compete with social media during contexto exposure. To reach this conclusion and propose a solution to the problem, it was necessary to understand how society absorbs technology, to understand the profile of the Higher Education student and the changes that occur in society with the arrival of the internet. After dedutive research, using fragments of the same subject, it was concluded that the teacher should not see technology as something that interferes with student learning, but as a support tool for the planning of interactive classes.

Keywords: Higher Education. Interactivity. Teaching. Internet

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Comunicação Social pelo UNASP-EC. Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior pela faculdade do Noroeste de Minas Gerais. E-mail: saraalves.jornal@gmail.com

Recebido em 17/04/2019

Aprovado em 09/04/2019

A sociedade está em processo de transformação há pelo menos duas décadas, e isso aconteceu devido a ascensão da internet e dos novos produtos tecnológicos. O mundo passou por um momento multidimensional que tomou forma na década de 60 e se espalhou de maneira heterogênea por todo o lugar (CASTELLS, 2005, p. 16).

O novo contexto social alterou a maneira de conceder, produzir, difundir, aprender, aplicar conhecimento no mundo e atribuir valor a ele. “Trata-se de um processo sócio histórico cujas implicações sociais, culturais e técnicas tem desdobramentos na educação”, (NERY, 2016, p. 21).

Com o advento da internet, a educação precisou ser remodelada com o intuito de atender as novas necessidades das pessoas, de modo que o fazer educação passou a ser discutido pela comunidade acadêmica de todo o mundo. Essas transformações são foram percebidas como benéficas, pois com o avanço tecnológico é possível construir de uma inteligência coletiva (KLEIN, 2008, p. 14).

O renomado autor Piérre Lévy defende que, com a inteligência coletiva, o avanço da educação é certo, pois permite que pesquisadores do mundo inteiro troquem ideias, artigos, imagens, experiências e observações.

A inteligência coletiva pode ser definida como a capacidade de trocar ideias, compartilhar informações e interesses comuns, criando comunidades e estimulando conexões. Assim como o cérebro humano estabelece conexões, o computador permitiria integrar uma ‘constelação de neurônios’ com milhões de outras pessoas. (LÉVY, 1999, p.2).

Em consonância com esse pensamento é possível afirmar que as tecnologias não vieram para atrapalhar a educação. Embora professores e mídias sociais disputem a atenção do aluno, ainda assim as tecnologias digitais são aliadas a educação. Para se adaptar a esse novo contexto, é importante que os docentes se atualizem e sejam capacitados para lidar com os novos rumos que a educação vem tomando, para tornar as aulas interativas e interessantes.

Para (BONFIM, 2011) a inovação tecnológica mudou o mundo. Hoje, as escolas e os professores, podem contar com ferramentas modernas. É preciso entender que a época do giz branco e quadro negro chegou ao fim. Atualmente, os educadores possuem um arsenal de equipamentos tecnológicos, como computadores, aplicativos de celular, blogs, vlogs e muito mais.

As novas tecnologias são relacionadas à informação, onde é preciso ter habilidades técnicas e cognitivas para compreender, avaliar e comunicar uma informação digital. O autor aponta que o maior desafio não é apenas dominar a utilização desses novos meios, mas sim sua abordagem cultural e crítica, as bases do aprendizado (TAKUNO, 2018, p. 7).

Diante deste cenário surge a figura de um novo professor. De acordo com (BONFIM, 2011) é um docente que tem vivência com os aparelhos mais modernos, sabe utilizá-los no processo de ensino-aprendizagem, admite não saber todas as respostas, mas é parceiro do discente e entende a importância da troca de experiências entre eles.

Em suma, as tecnologias e a internet evoluíram. A cada dia novos aplicativos e programas ascendem ao mercado. A nova geração, tão dependente das redes sociais, já condicionou sua vida aos aplicativos sociais e à conexão em rede. O cerne da questão é: como atrair a atenção do aluno do Ensino Superior em meio a tantas atrações oferecidas pelas redes sociais? Quais os meios e possibilidades que o docente pode utilizar para elaborar uma aula que envolva os alunos e seja produtiva?

2. DESENVOLVIMENTO

Antes de se chegar as respostas aos objetivos desta pesquisa, faz-se necessário traçar uma linha do tempo para a Educação brasileira, a fim de entender o seu desenvolvimento, seus problemas e seus avanços.

A educação brasileira sobreviveu a várias fases e conflitos. Entre as principais é possível citar a fase Jesuítica, a pombalina, a Joanina, a politicamente autônoma, a fase Imperial, a Republicana, a revolução de 1930, a industrialização, a fase do golpe militar de 1964, a Nova República e a fase da Constituição Federal: a carta magna de 1989. A questão inicial de dependência a outro país colaborou com o atraso na educação e em outros setores importantes para o desenvolvimento (GHIRALDELLI, 2001, p. 15).

Cada período representou um desafio e uma nova maneira de lidar com a Educação. A construção de uma rede de ensino pública e eficiente ainda está em processo atualmente, pois o histórico do Brasil em nada favoreceu seu desenvolvimento, e é preciso muito mais que políticas públicas para se chegar a resultados satisfatórios, é preciso planejamento, é preciso de diretrizes e gestão eficientes, é preciso capacitação de docentes, e é importante que os

educadores tenham amor à profissão, além de ter perfil adequado para exercer essa tarefa tão importante.

O nascimento da educação no Brasil é desanimador. Foi na primeira república, entre os anos de 1889 e 1930, que houve uma certa evolução de ideias pedagógicas. Esse período trouxe certo entusiasmo pela educação trazendo otimismo pedagógico. O entusiasmo pela educação representava a ideia de expansão da rede escolar e a tarefa de desanalfabetização do povo, e o otimismo pedagógico representou a otimização do ensino, melhorando as condições didáticas e pedagógicas (GHIRALDELLI, 2001, p. 15).

A revolução de 1930 também foi importante no aumento da atenção pela educação. Ela teve sua importância, no entanto, foi mais abrangente nas regiões capitalistas. Para a autora Romanelli, essa questão regional gerou um dos maiores problemas de ensino no Brasil que tem reflexo nos dias de hoje, com lugares menos desenvolvidas por falta de investimento na educação. Além do atraso de mais de cem anos em comparação aos países latinos que também foram colonizados, todo esse contexto inicial resultou em problemas de desigualdade social (ROMANELLI, 2010, p. 64).

O predecessor desse otimismo e entusiasmo pela educação, foi a transição política que ensejou transformações significativas. Nesse contexto houve a expansão da lavoura cafeeira, a remodelação do país com redes telegráficas, instalação de portos, ferrovias, urbanização e um crescimento industrial significativo. Essa época foi marcada pelo fim da escravidão e a adoção do trabalho assalariado. Essas mudanças colocaram o país rumo à modernização (GHIRALDELLI, 2001, p. 15).

No ano de instalação de universidades no Brasil, estruturar um ensino em massa era um grande desafio. Segundo Norman Mackenzie “as sociedades desenvolvidas, todavia, dispuseram de pelo menos 50 anos para pôr em funcionamento um sistema educacional em massa”, revela. O Brasil já estava atrasado e agora deveria trabalhar simultaneamente todos os problemas relativos à educação. Países subdesenvolvidos como o Brasil, precisam criar e lançar campanhas de alfabetização ao mesmo tempo em que precisam garantir o ensino primário, secundário, técnico e superior, com o mínimo de recursos e com pouca experiência (MACKENZIE, 1985, 3-4).

O Brasil Império deu lugar a um novo regime político: a República. Essa mudança oportunizou maior participação do povo no governo, excluiu o voto censitário e os títulos de

nobreza. Esse novo momento abriu espaço para a escolarização e a alfabetização do povo. Os intelectuais se mostravam empolgados com o novo contexto social e junto com a república queriam instalar no Brasil uma democracia efetiva através da federação, do incentivo à industrialização e da educação popular, com a finalidade de alfabetizar o povo e desenvolver a recém república. Os intelectuais acreditavam que só através da educação que os problemas do país poderiam ser resolvidos (GHIRALDELLI, 2001, p. 16).

Mas com o golpe militar no dia 15 de novembro de 1889, o país passou a ser governado por três grupos: o exército, os cafeicultores e os intelectuais das classes médias urbanas. Na época o país era governado por Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Mais tarde o exército e os intelectuais foram excluídos do governo por defender ideias progressistas. Ressalta-se que os cafeicultores tinham mais interesse em comercializar o café do que impulsionar o crescimento e a modernização do país. As oligarquias cafeeiras eram poderosas, comandando o setor econômico do país através das exportações de café. Nessa época o interesse pela educação caiu. As oligarquias brasileiras obtinham o poder de forma autoritária, chegando até a obrigar o povo a ter um estilo de vida ruralístico e desencorajaram a discussão de temas como industrialização, democracia e educação. Para as oligarquias o essencial era comercializar o café (GHIRALDELLI, 2001, p. 17).

Contudo, em 1914, eclodiu a primeira Guerra Mundial, e com ela o crescimento do nacionalismo e do patriotismo no Brasil. Esses sentimentos fizeram com que boa parte dos intelectuais voltassem sua atenção para a educação popular. “Boa parcela da intelectualidade, imbuída de um espírito de republicanização da república e horrorizada com a situação do analfabetismo, ressuscitou o entusiasmo pela educação”, (GHIRALDELLI, 2001, p. 18).

Nessa época foram criadas as ligas contra o analfabetismo, seguindo o exemplo da Liga de Defesa Nacional e a Liga Nacionalista do Brasil, essas ligas lutavam pela educação. Usavam o voto como justificativa para a implantação de escolas e universidades. Como o voto era proibido para analfabetas, essas ligas defendiam a educação como ferramenta política, com o objetivo de aumentar o contingente eleitoral. Aos poucos a necessidade de criar centros educacionais foi aumentando. Junto com essa necessidade, passou-se a discutir mais sobre a pedagogia e a organização escolar (BOTO, 1990, p. 145-160).

2.1 Instalação de Escolas e Universidades

A primeira fase da criação das escolas aconteceu no período da primeira República. As escolas eram poucas e só estudavam os filhos das famílias de classe média. Os filhos da elite brasileira eram ensinados por meio de aulas particulares através de preceptores que geralmente eram estrangeiros. Apesar do crescimento e investimento na educação, o ensino de qualidade ainda era restrito à elite brasileira (GHIRALDELLI, 2001, p. 26).

As classes médias passaram a exigir cada vez mais um ensino de qualidade, pois perceberam de imediato a importância do estudo e as chances de com ele se igualar à elite dominante. As classes médias viam na educação um instrumento eficaz de ascensão social (ROMANELLI, 2010, p. 45).

É importante destacar que o Império estava desconfortável com a ideia de ter ensino superior no Brasil, pois através do conhecimento o povo poderia se conscientizar e se rebelar contra a coroa e esse pensamento resultou na demora para construir a primeira universidade no país do pau-brasil, ou seja, o medo de uma possível emancipação é pontuado como a principal causa da demora. Como se percebe, a preocupação da coroa se demonstrou verdadeira, pois com o surgimento do ensino jurídico o povo receberia autonomia intelectual a ponto de se tornar uma colônia independente. Fica claro que a criação de uma universidade seria um mau negócio para Portugal, uma vez que este não queria desenvolver do país, mas sim, perpetua-lo como colônia e extrair dele suas riquezas (VENÂNCIO, 1982, p. 13).

No entanto e mesmo com atraso, as universidades nasceram e com ela, as esperanças e aspirações de uma população que aclamava um ensino superior no próprio país, ao invés de enviarem seus filhos para o outro lado do globo., e esse interesse tem origem na constante busca pelo saber (MACKENZIE, 1985, p. 3-4).

Entender o contexto da Educação brasileira e da instalação do Ensino Superior no Brasil é de suma importância para este trabalho uma vez que a história influencia na formação dos professores nos dias de hoje.

3. O surgimento da tecnologia e as mudanças na sociedade

A internet foi criada para propósitos militares em 1960, durante a conhecida guerra fria. O objetivo principal era trocar as informações entre as bases militares. “Com medo de ter suas

bases militares tomadas pelos soviéticos, os americanos desenvolveram um sistema de comunicação interna e descentralizada, o Arpanet”. A partir de 1980, quando a guerra fria já havia ficado para trás, logo se percebeu que o sistema recém-criado poderia ser útil dentro das universidades. A internet sendo utilizada nas Instituições de Ensino cooperou com o avanço das pesquisas acadêmicas (BERTOTTI, 2014, p.17-18).

Foi apenas a partir do dia 12 de agosto de 1981 que surgiu o computador pessoal, ou *personal computer*, em inglês fabricado pela empresa IBM. Nesse formato ele podia ser colocado em uma mesa qualquer, mas o computador de duas décadas atrás ocupava um prédio inteiro, precisando de 50 colaboradores para manuseá-lo. Mas com a criação do *personal computer* (pc), não demorou para que o aparelho logo se popularizasse entre as famílias. Com ele era possível executar muitas tarefas como verificação de ficha criminal, estoque, livros e muito mais. Bertotti observa que “Tudo ganhava uma aura de modernidade com o PC”, (BERTOTTI, 2014, p.18). E assim, a internet mudou a forma de vida das pessoas e todos seriam impactados por ela de alguma forma.

Se ter um computador em casa ou no escritório já era uma revolução nos hábitos e nos costumes, ligá-lo à rede mundial foi um lance decisivo na conexão de pessoas do mundo todo. O que os meios de transporte, como avião e carro, tinham incrementado, o telefone intensificado, a internet veio para consolidar e espalhar em escala nunca antes vista. Os correios passaram por uma transformação no mundo todo, pois o número de cartas diminuiu drasticamente quando as pessoas descobriram as vantagens do e-mail. Para que, afinal, escrever uma carta, esperar até uma semana (ou semanas, dependendo da distância) até que ela chegue e obtenha-se uma resposta se, com um clique, ela já está do outro lado do mundo em minutos e podemos saber o que demoraria dias para descobrir. (BERTOTTI, 2014, p.18 - 19)

Com essas mudanças e com a proposta das tecnologias de informação, houve a atualização das formas de trabalho e um novo estilo de vida surgiu, com novos hábitos de compras, de comunicação, e logo um novo modelo para o ensino, além de novas ferramentas didático-pedagógicas.

Essa nova cultura precisa ser analisada de perto, pois as tecnologias digitais estão em diversos ambientes como trabalho, casa, escola e lazer. É por isso que o docente do Ensino Superior precisa se preocupar com a cultura digital e suas concepções. A preparação do docente deve focar também na transformação dos processos educativos sem ignorar a cultura digital (TAKUNO, 2018, p. 4). O professor deve ser reflexivo e crítico e ir além dos muros da escola,

como observa Rossato: “deve ser um pesquisador nato e precisa ter domínio das tecnologias digitais para aprender a conhecer e aprender a fazer” (ROSSATO, 2014, 151-178).

É importante tratar com responsabilidade a formação do docente do Ensino Superior e também a cultura acadêmica. Na maior parte das vezes a progressão da carreira está ligada a titulação e produção científica, mas só isso não garante um ensino de qualidade. Ser professor vai além do currículo. É preciso investir em uma formação específica que também prepare o docente para atuar dentro da sala de aula (PIRES; AGUIAR, 2006, p. 490).

Freire aponta a necessidade de se reconhecer que sem o aluno não existe professor, pois o ato de ensinar não implica mais na transferência de conhecimentos. Todos estão passando informações de alguma forma, ou seja, ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi dessa maneira que se chegou à conclusão de que é preciso encontrar outras formas ou caminhos para ensinar e aprender (FREIRE, 1996, p. 23-25).

Ensinar exige pesquisa e contínuo processo de atualização, uma vez que a informação de hoje se torna obsoleta amanhã. Dessa forma é que se percebe a necessidade da pesquisa, garantindo um ensino efetivo e qualificado. A isso Paulo Freire chama de curiosidade epistemológica, aquela gera movimento, ação, inquietude e conhecimento. Embora já formado, o docente deve estar em permanente capacitação, pois no século 21 os professores não são mais a única fonte de conhecimento, os alunos já possuem uma bagagem de informações, além disso, as experiências dos alunos podem estar ligadas ao conteúdo exposto pelo docente (FREIRE, 1996, p. 29- 30).

Há muito tempo se discute a melhoria da qualidade do Ensino Superior Universitário. A discussão do assunto passou a ser mais intensa a partir da década de 1980, alcançando, inclusive, cenário internacional. A partir desse momento passou-se a discutir muito acerca da expansão, do papel do professor e da docência do Ensino Superior (SOARES; CUNHA, 2010, p.13).

Paulo Freire também é defensor da tese de que ensinar não é transferir conhecimento. Segundo ele, quando o docente está na sala de aula, ele deve se abrir para as indagações, à curiosidade, aos questionamentos dos alunos e suas inibições. O bom professor percebe a vontade que o discente tem em participar da aula contando suas experiências e, além de perceber, viabiliza as participações. O docente não deve ser autoritário e se ater apenas à sua

maneira eloquente de falar. O professor deve ser sensível à experiência do outro e reconhecer nela benefícios para o aprendizado (FREIRE, 1996, p. 47-48).

4. Planejando aulas interativas para o ensino superior

As mudanças no mundo afetaram a educação, a economia, a política, a cultura, a moda e a forma de se relacionar. Também é possível afirmar que a globalização mudou o processo de ensino-aprendizagem (VIANA, 2018, p. 19).

101

As tecnologias de comunicação e informação estão se tornando uma realidade para um número cada vez maior da população, exigindo o repensar sobre a educação e sobre os indivíduos diretamente envolvidos, desde o planejamento e a execução dos projetos educacionais, já que requer do profissional de educação uma sólida formação inicial que integre os diferentes aspectos da tarefa docente pedagógica, técnico-científico, sócio-político e cultural e as atuais circunstâncias da sociedade tecnológica (RIBAS, 2008, p. 14).

A comissão internacional de educação publicou um relatório produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), onde a mesma recomendava que a educação fosse organizada em torno de alguns pilares, são eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser em meio as urgências educacionais cooperando para a vida em sociedade. A finalidade é diminuir as desigualdades sociais, contribuir com a formação de pessoas, com o desenvolvimento sustentável do planeta, com o bom relacionamento entre as nações e a experiência efetiva da democracia (RIBAS, 2008, p. 2).

Para o *Site Quero Aluno* é nesse contexto que surgem questionamentos sobre a elaboração e o planejamento de aulas interativas. É preciso lembrar que embora a tecnologia seja muito importante, tornar uma aula interativa não depende só dela, mas é importante que os profissionais sejam qualificados, pois educar vai além de uma sala com lousa interativa e com computadores individuais. Os recursos serão bem utilizados com um profissional capacitado. O *Quero Aluno* ainda apresenta as habilidades que o docente precisa desenvolver, que são: aprender a elaborar uma aula de qualidade, conhecer o perfil da turma, entender as diferentes metodologias de ensino, elaborar atividades em grupo, e preparar as aulas com responsabilidade.

É um desafio tornar a aula do Ensino Superior atrativa. Os alunos geralmente têm jornadas extras, ou seja, muitos trabalham e estudam e chegam cansados para a aula. Ao se depararem com uma aula expositiva sem nenhum incentivo de participação ou de atividades que garantam sua interação, fica mais difícil obter o engajamento da turma.

4.1 Metodologias para aulas interativas

O professor pode utilizar diversas metodologias e recursos para criar uma aula interativa. Entre as principais elencadas pelo *site Quero Aluno*, estão o World Café, que proporciona debates para resolver determinado problema, aplicativos como o Karhoot, que possibilita a fixação do conteúdo teórico e as aulas problematizadas que estimula o pensamento crítico do aluno. Existem inúmeras outras possibilidades. Este trabalho vai se deter apenas nessas três.

O *World Café* tem sido um formato de estudo utilizado cada vez mais no mundo todo. Significa aprender através do diálogo. O termo “*The World Café*” é utilizado para tratar assuntos complexos e que ainda não tem soluções técnicas definidas. No *World Café*, as pessoas se reúnem em uma ação coletiva para encontrarem uma maneira de resolver o problema, utilizando-se da participação efetiva de todos (FERNANDES, 2015, p. 69).

A metodologia do Café Mundial foi desenvolvida em 1995, por Juanita Brown e David Isaacs, enquanto eles dialogavam estrategicamente sobre a propriedade intelectual. Na aula do *World Café*, os participantes estão dispostos em uma mesa redonda, com toalha xadrez, flores no centro de mesa e café à vontade. E dessa forma, bem descontraída, que todos conversam acerca da resolução de um problema.

As pessoas sentaram em volta de pequenas mesas e a conversa começou. Mais tarde alguém teve a ideia de saber o que estava acontecendo nas outras mesas, então decidiram mudar de mesa e começaram a conversar com outras pessoas. No final, eles perceberam que aquela era uma boa maneira de perceber a inteligência coletiva. (FERNANDES, 2015, p. 81).

Em síntese, o *World Café*, é um método para estimular conversas significativas sobre questões complexas. Essa atividade cria um ambiente seguro para que as pessoas possam falar sobre determinados conteúdos, procurando soluções para os problemas.

É possível também utilizar a tecnologia dentro da sala de aula através do aplicativo *Karhoot*. O programa é um *game* de questionários *on-line* desenvolvido na Noruega e que passou a ser presente em todo o mundo. Hoje se contabilizam cerca de vinte milhões de usuários. Segundo o site de notícias *Gazeta do povo*, o aplicativo possui *interface* simples e fácil de manusear. Ele ganhou notoriedade por ser um jogo interativo e com a mesma lógica dos games.

Conforme o site de notícias, o *Karhoot* é um aplicativo que resulta em grande engajamento por parte dos alunos. Além de gratuito para professores, os mesmos podem efetuar upload dos seus questionários ou podem utilizar as inúmeras provas já postadas por outros usuários. Os alunos de uma forma geral se sentem mais motivados para compreender um conteúdo com a finalidade de obter melhores resultados no jogo.

A aula problematizada também é um recurso interessante. Na educação brasileira o conceito é amplamente discutido nas obras de Freire. Freire acredita que o analfabetismo gera opressão, e é por isso que a problematização é importante, pois incentiva a reflexão crítica no processo de aprendizado. Freire adota a educação problematizada que limita a transmissão de conhecimentos e enaltece a prática do ensino mais reflexiva e dialógica (RUAS, 2017, p. 74).

É importante lembrar que no dia a dia o aluno está sujeito a várias situações – na esfera social, familiar, escolar –, sendo assim, a situação problema deve ser algo que desperte seu interesse; que o motive e garanta a presença dele durante todo o projeto; abordando um tema inovador e que esteja relacionado como o seu cotidiano, tendo aspectos relevantes, tanto para o contexto educacional quanto para o contexto social (RUAS, 2017, p. 44).

O método da problematização permite a liberdade na produção de novos conhecimentos, na criatividade e na transformação do meio. Para autora, através de uma educação problematizadora, o docente não corre o risco de usar sua autoridade para impor sua visão de mundo para os alunos, mas utiliza mecanismos próprios para impulsionar o estudante a questionar e refletir sobre o seu contexto de vida e sua realidade (RUAS, 2017, p. 74).

Quando se propõe a problematização, é fundamental formular um problema que esteja ligado à realidade do estudante. A problematização deve garantir a reflexão, a mobilização constante do seu pensamento, o sentimento de necessidade na busca e compreensão de novos conteúdos, no interesse da teoria com a finalidade de resolver determinados problemas, e por

fim, que sejam estimulados a trabalharem com colegas que possuam pensamentos diferentes. O docente deve propor meios para a reflexão crítica do indivíduo a respeito do contexto que o circunda. Martins observa que:

Vista dessa maneira, a educação atingiria seu ápice no ponto em que sua função seria instrumentalizar o indivíduo para o exercício de sua cidadania, capacitando-o para entender-se, não como espectador ou objeto de manipulação, mas como partícipe dos fenômenos sociais e com poder de deliberar sobre eles (MARTINS, 2012, p. 77).

Uma educação eficiente é feita na prática. É aquela que possibilita instrumentalizar o indivíduo para desenvolver suas habilidades e potencialidades, e apropriar do conhecimento de forma íntima. É através desse estilo de educação que o discente vai alcançar níveis ainda mais altos de crítica, criatividade e autonomia. Todo esse processo é bom, pois inflama no estudante o desejo de aprender, de agir e de transformar sua realidade, melhorando não só a sua qualidade de vida, mas também a qualidade de vida da comunidade onde está inserido (MARTINS, 2012, p. 79).

Considerações finais

O Brasil passou por inúmeros problemas na instalação de escolas e universidades. Cada período político representou uma forma diferente de tratar a educação. E com a chegada da *internet* houve uma revolução mundial. Essas descobertas transformaram todo o processo de educação, atualizando a forma de conceder, produzir, difundir, aprender, aplicar conhecimento e atribuir valor a ele. Foi um processo sócio histórico que resultou em mudanças sociais, culturais, técnicas com desdobramentos na educação.

A partir de então muito se discutiu a respeito do docente, seu perfil, perfil do aluno e contexto cultural, a didática de ensino, aulas interativas, capacitação de professores e o uso de tecnologia na educação. A *internet* promoveu uma transformação na sociedade que forçou as instituições de ensino a se reinventarem e evoluírem junto com a tecnologia.

Com a nova cultura social, é possível perceber que o professor passou a disputar a atenção dos alunos com os produtos concebidos dessa nova era digital, como as redes sociais, entre elas *Instagram e Facebook*. Mas a verdade é que, mesmo em meio a tantas atrações, o

professor pode utilizar a própria tecnologia para promover a interação do aluno com o conteúdo e com muito mais eficiência. Além disso, os docentes podem conhecer o que os professores ao redor do mundo estão fazendo e como estão utilizando os produtos tecnológicos.

Dentre os vários recursos disponíveis para o aprendizado, este trabalho se deteve em três: o modelo de discussão do *World Café*, que impulsiona alunos a discutirem temas com o objetivo de propor soluções, também foi apresentado a importância dos aplicativos educacionais, entre eles o *Karhoot*, que permite a participação de quizz on-line, respondendo as questões selecionadas pelo professor, e por fim, este trabalho expôs a técnica da problematização, uma espécie de participação em grupo que fará com que o aluno reflita de forma crítica e pense por si. Esse método permite a produção de novos conhecimentos, estimula a criatividade e produz a transformação do meio em que o aluno vive.

Paulo Freire acreditava que a educação era a resposta para um mundo plural, que resultava em harmonia do saber e das ideias. Por isso, o presente trabalho defende que o professor é a chave para o ensino eficiente, e este deve priorizar a pesquisa, o planejamento, além de buscar novos conhecimentos e utilização das novas tecnologias em prol de um ensino qualificado.

REFERÊNCIAS

BENTO, F.; SANCHES, S. H. D. F. N. **A História do Ensino do Direito no Brasil e os Avanços da Portaria 1886 de 1994**. Conpedi. São Paulo, n. 18, nov, 2009.

BERTOTTI, Fabiana. **Confissões de uma viciada em internet**. 1.ed. Itu, São Paulo: Parole. 2014.

BONFIM, Rosa Jussara. **A educação e suas inovações**: Paracatu, 2014.

_____. **Construindo Saberes no Exercício Educativo**: Brasília, 2011.

BOTO, Carlota. **Nacionalidade, escola e voto: a liga nacionalista de São Paulo**. 1990. Dissertação (mestrado em Educação) – Departamento de Ciências da Educação, Unesp, São Paulo.

CASTELLS, M; CARDOSO, G. **A sociedade em rede: do conhecimento a ação política**. 1 ed. Belém: Conferência. 2005.

FÁVERO, M. L. A. **A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968.** Educar em revista. Curitiba, n.28, jul-dez, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>>.

FERNANDES, M. E. **O World Café e o aprendizado pelo diálogo: limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação: Diagnóstico Socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a Sustentabilidade na Bacia do Rio Cotia, Embu das Artes, SP.** Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18082015-115613/>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

Gazeta do povo. Disponível: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/aplicativo-transforma-ensino-em-sala-de-aula-em-game-de-conhecimento-5o6byv02zkjppj6vp7q1knh3/>>

GHIRALDELLI, Paulo. **História da educação.** 2 ed. São Paulo: Cortez. 2001.

GONÇALVES, M. **Dimensões da orientação educacional na contemporaneidade.** Paracatu, Faculdade FINOM. 2015.

GRANDIN, D. **Planejamento como prática educativa.** 18 ed. São Paulo: Loyola. 1983.

KLEIN, R. **O discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação docente: a docência na rede.** 1 ed. Curitiba. 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34. 1999.

MACKENZIE, Norman. **A arte de ensinar e a arte de aprender: introdução aos novos métodos e materiais utilizados no ensino superior.** 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1985.

MARTINS, E.B.C. **A política da educação brasileira: uma leitura sob a óptica do serviço social.** São Paulo: Unesp. 2012.

NERY, M.A. **O uso das tecnologias digitais da internet na educação Superior: Representações docentes – entre o formal e o informal, as marcas da presença do impossível.** 1 ed. São Paulo. 2016.

Quero Aluno. Disponível em <<https://blog.queroalunos.com/como-criar-aulas-interativas/?fbclid=IwAR2kL8N6mc4xdpcshyE8ADiVi-TtyzzGBw7BCZWFtAl-asvy71xaBAmf4A>>

PIRES, D.V.B; AGUIAR, S.M.I. **Aprendizagem docente na educação superior: construções e tessituras.** Porto Alegre, v. 60, p. 489-501, set/dez. 2006.

RUAS, P.A.A.R. Interdisciplinaridade, problematização e contextualização: a perspectiva de um grupo de professores em um curso de formação. São Paulo. 2017.

RIBAS, Daniel. **A docência no ensino superior e as novas tecnologias.** Revista eletrônica Lato Sensu. 2008.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar.** 20 ed. Campinas: _____. 2007.

ROMANELLI, Otaíza De Oliveira. **História da educação no Brasil.** 35 ed. Petrópolis: Vozes. 2010.

ROSSATO, M. A. **A aprendizagem dos nativos digitais.** In: MARTÍNEZ, A.; ÁLVAREZ, P. (Org.). O sujeito que aprende: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 151-178.

TAKUNO. M.E. **Para além dos usos das tecnologias digitais:** um estudo acerca da formação e atuação docente no ensino superior de doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da USP. 1 ed. São Paulo: SN. 2018.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. **Das Arcadas ao Bacharelismo: 150 anos de Ensino Jurídico no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

VIANA, Delaine. **Ferramentas virtuais como recurso didático - pedagógico complementares na graduação presencial em enfermagem: uma revisão sistemática da literatura.** 90 p. Ribeirão Preto: 2018.